

## O ENSINO DA GEOGRAFIA: Uma Perspectiva Crítica para Abordar o Agrário no Estado de Rondônia

<sup>1</sup>Mirian Pereira Suave

### Resumo

A modernização no campo representada pelo agronegócio impõe um modelo de produção que demanda grande extensão de terra, avança sobre a produção camponesa desestabilizando o pequeno agricultor, força a migração para a cidade e resulta na redução quantitativa da população no campo. Isso tem levado centenas de escolas rurais a fecharem as suas portas nos últimos anos em todo o Estado de Rondônia. O presente artigo busca analisar de forma crítica o ensino de Geografia na abordagem do agrário hoje no Estado em questão, reconhecendo que o fechamento das escolas rurais impeliu para a cidade um número significativo de estudantes. Para isso, propõe uma reflexão no sistema educacional levando em consideração o Currículo Escolar.

**Palavra-Chave:** Ensino/Geografia, Agronegócio, Currículo

### Introdução:

As políticas de modernização agrícola, ao potencializar as atividades produtivas representadas pelo agronegócio, passou a ser responsável pela desapropriação de milhares de camponeses em Rondônia, além de provocar o fechamento de escolas rurais em todo o estado. Contudo, alguns municípios ainda apresentam índices significativos da população rural, embora não haja escolas no campo para o atendimento desses estudantes. Em Santa Luzia D'Oeste (Rondônia), por exemplo, a Escola Juscelino Kubitscheck, que está situada em área urbana, apresenta em seus registros cerca de 50% dos alunos vivendo no campo.

Essa situação nos instiga a compreender como as questões agrárias estão sendo abordadas no ensino de Geografia. Assuntos como agronegócio, pecuária, modernização agrícola, produção de alimentos industriais, produção de *commodities*, estão entre os mais debatidos pelos meios de comunicação e vêm ganhando destaques na base curricular da escola por meio do livro didático.

Melonio (2012) discorre que o Currículo nunca é neutro, carrega as suas intenções, envolvem relações de poder e de espaço, conduz o professor a reproduzir interesses de uma classe dominante, sem que ao menos perceba. O mesmo autor argumenta que [...] “as empresas capitalistas, por meio de intervenção curricular, usam as escolas para reproduzir os

---

<sup>1</sup> Mestranda do PPGG, Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: miriansinai@hotmail.com

seus interesses e formar trabalhadores ajustados para ocupar as posições necessárias ao bom funcionamento do sistema econômico”. (2012, p. 121).

Nesse contexto vê-se que o atual sistema educacional busca implantar políticas ideologicamente intencionadas para a formação técnica do estudante. Esse sistema, associado à mídia, encontra na escola um ambiente propício a reprodução de seus interesses. Assuntos como a reforma agrária, agricultura camponesa, movimentos sociais do campo, conflitos agrários, populações tradicionais, migrações campo-cidade, entre outros conteúdos, não ocupam a atenção da grande mídia, do currículo e dos livros didáticos de modo geral.

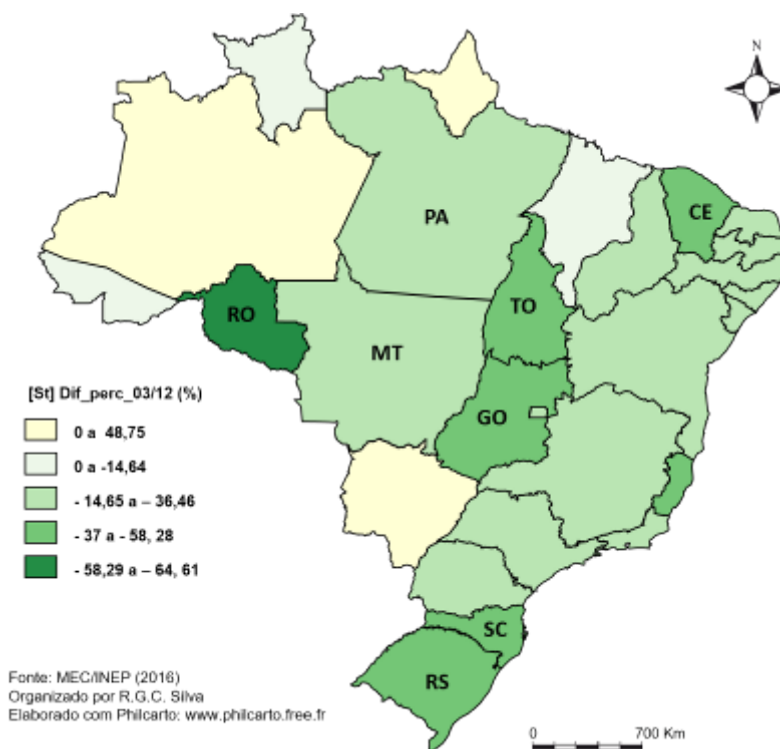
O presente artigo tem por objetivo analisar de forma crítica o ensino de Geografia na abordagem do agrário em Rondônia, reconhecendo que o fechamento das escolas do campo “empurrou” para a cidade um número significativo de estudantes. Para isso, serão considerados os conteúdos apresentados na estrutura curricular do 6º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Juscelino Kubitscheck, do município de Santa Luzia D’Oeste.

O desenvolvimento metodológico ocorre por meio de pesquisa bibliográfica relacionada à temática e documentos que norteiam a educação em Rondônia como: Referencial Curricular, Plano Estadual de Educação PEE/2014, coletas de dados e entrevistas com professores de Geografia.

### **Fechamento de escolas rurais em Rondônia**

Em Rondônia, a maioria dos municípios tem a economia alicerçada em atividades da agropecuária. Nos últimos anos, aumentou consideravelmente o número de escolas rurais que foram fechadas em todo o Estado. Os dados apresentados no último censo escolar indicam que, em termos proporcionais, Rondônia foi o Estado que mais desativou escolas rurais em todo o país, no período de 2003 a 2012, fenômeno social que tem atingido o Brasil de forma ampla em todas as regiões.

MAPA 1: Redução das escolas rurais no Brasil - 2003/2012 (%)



Para o período citado o Brasil diminuiu de 103.318 para 74.112 escolas rurais, uma redução líquida de 29.206 unidades, equivalentes a -28,27 % das escolas rurais (Mapa 1). No intervalo indicado, em Rondônia foram fechadas 1.150 escolas rurais (- 64,61%), a maior taxa de redução das escolas rurais do país.

Por sua vez, observa-se que as atividades do agronegócio vêm ocupando cada vez mais espaço na economia de Rondônia. Segundo Associação dos Produtores Rurais de Rondônia<sup>2</sup>, (APRRO) o referido estado, em 2016, contabilizou um rebanho com mais de 13 milhões de cabeças de gado, em 1999, a quantidade de bovinos em Rondônia atingia pouca mais de 6 (seis) milhões, enquanto a soja teve um rendimento de 738 mil toneladas no ano de 2016.

Os dados apontam o crescimento do agronegócio em Rondônia no mesmo período em que registra o fechamento das escolas rurais em todo o Estado. Diante deste contexto, pode-se considerar que a expansão do agronegócio em Rondônia vem contribuindo com o fechamento

<sup>2</sup>Disponível em: <https://www.portoagro.org/single-post/2016/07/26/>, acessado em 10/08/2017

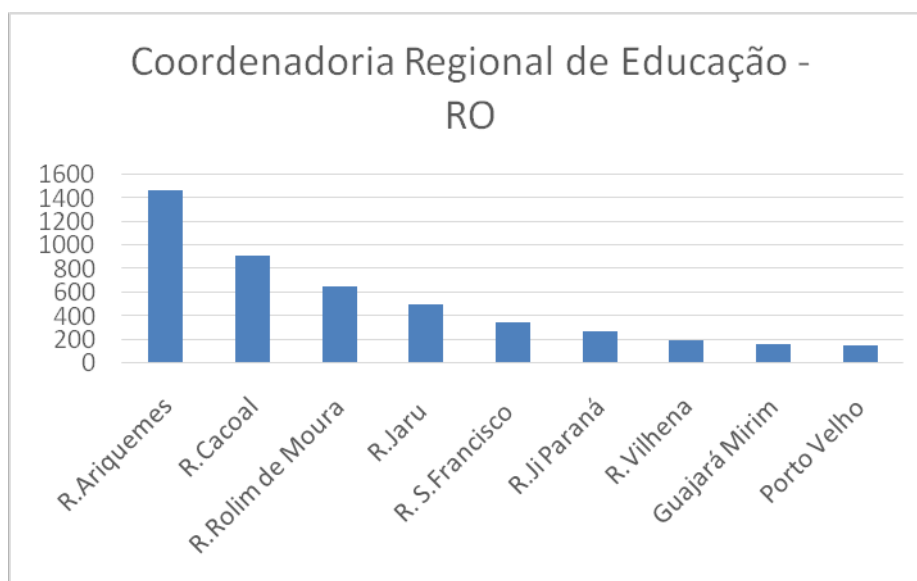
das escolas rurais, ainda que se tenham, no nível estadual, políticas públicas para fortalecimento da agricultura familiar.

Cabe aqui salientar o descaso das autoridades na manutenção das escolas do campo, pois muitas prefeituras alegam que não dispõe de recursos suficientes para atendimento de estudantes da área rural. Tais barreiras demonstram que há pouca preocupação em relação ao desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a manutenção das escolas rurais.

Por outro lado, o Ministério da Educação tem financiado o transporte escolar repassando aos municípios e aos Estados recursos para aquisição de ônibus no transporte de estudantes para a cidade. A soma de todos esses fatores corroboraram para o afastamento das famílias e do estudante das áreas rurais e essa prática vem ao encontro com os interesses do agronegócio; esvaziar a população do campo.

O gráfico mostra o número de alunos do ensino médio que recebem atendimento em escolas rurais pelas Coordenadorias Regionais de Educação do Estado de Rondônia.

**GRÁFICO 01: Ensino Médio Por Regional.**



Fonte: Plano Estadual de Educação- PEE/RO-2014

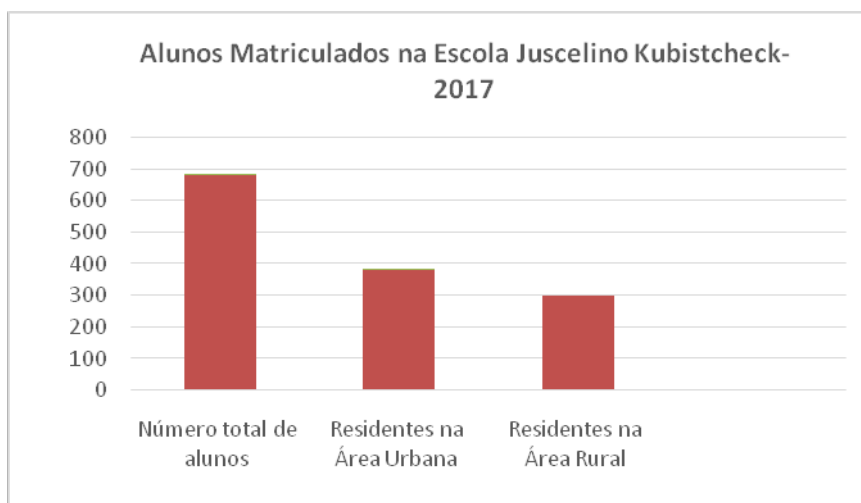
De forma geral, o número de alunos atendidos em escolas do campo vem diminuindo a cada ano, exemplo, a “Escola Pólo Expedito Gonçalves Ferreira”, situada na área rural de Santa Luzia D’Oeste, na qual, no ano de 2000 chegou a atender 1.125 (um mil cento e vinte e cinco) alunos do ensino fundamental e médio e, a partir de 2005, este número diminuiu consideravelmente ao ponto de no ano de 2012, ser extinto o ensino médio e hoje, (2017) a escola consta com 86 (oitenta e seis) alunos matriculados no ensino fundamental.

No período de 2000 até meados de 2010, ao redor da escola havia uma vila com instalações de armazéns, campo de futebol, associações e igrejas. Naquela época o local tornou-se um ponto de referência para atividades festivas da comunidade. Atualmente, essa mesma região transformou-se em grandes fazendas as quais se fortalecem com a expansão de monocultura e concentração de terra.

### **O Ensino da Geografia: Questão agrária 6º ano- Escola Juscelino Kubitscheck**

Segundo o IBGE/2010, Santa Luzia D'Oeste tem uma população de 8.886 (oito mil e oitocentos e oitenta e seis) habitantes, sendo que destes, 4.525 (quatro mil e quinhentos e vinte e cinco) encontram-se na área urbana e 4.361 na área rural. Esses números revelam que ainda temos muitas famílias residindo na área rural, cuja população representa 49% do município. Observa no gráfico o número de alunos urbano e rural da Escola Estadual de Ensino fundamental e médio Juscelino Kubitscheck:

**GRÁFICO 02: Alunos Rurais e Urbanos da Escola Juscelino Kubitscheck**



**Fonte: Secretaria Escolar: Escalo Juscelino Kubitscheck- (2017)**

De acordo com o gráfico, 44% dos estudantes são provenientes das áreas rurais, os 56% embora residindo na cidade são na maioria de origem camponesa. Essa situação leva-nos a refletir propostas curriculares para o ensino de geografia ao considerar as questões agrárias vinculadas a vida cotidiano do aluno.

Ao averiguar o currículo, o planejamento e o livro didático que norteiam a prática do professor de Geografia do 6º ano da Escola Juscelino Kubitscheck, acena-se para a seguinte

situação: o professor utiliza exclusivamente os conteúdos do livro didático para lecionar. Callai (2013) já dizia que [...] “tradicionalmente, ensinar geografia é uma tarefa que tem sido apoiada enormemente pelo uso do livro didático para disponibilizar os conteúdos”. O quadro a seguir apresenta os conteúdos do 6º ano do Referencial Curricular e o plano de aula do professor.

**QUADRO 1: Referencial curricular para o Estado de Rondônia/ Geografia 6º ano do Ensino Fundamental-(Meio Rural)**

<b>Referencial Curricular Para o Estado de Rondônia Para o 6º ano</b>	<b>Plano anual do Professor de geografia 6º ano (Conteúdo do Livro didático)</b>
Meio rural e sua importância. Problemas ambientais no campo e na cidade. Interdependência do campo e cidade e as novas tecnologias.	A Agricultura e as condições naturais. Os sistemas de produção agrícola. A organização da produção agrícola brasileira. Agricultura e os impactos ambientais.

Fonte: Referencial Curricular Para o Estado de Rondônia- 2014.  
 Plano de Curso do Professor Escola Juscelino Kubitschek -2017

Ao analisar os conteúdos inserido no quadro 01, percebe-se que tanto o referencial curricular como o planejamento do professor, apresentam conteúdos descritivos. Entretanto, não retratam a realidade vivenciada nos campos do Brasil como: conflitos agrários, expansão da monocultura, desapropriação, impactos sociais e ambientais, os movimentos sociais/reforma agrária, de onde vêm os alimentos que chegam as nossas mesas, esses conteúdos não estão presentes no referencial curricular e nem no planejamento do professor que é cópia fiel dos conteúdos do livro didático de Geografia que aborda o campo apenas do ponto de vista do agronegócio.

Afigura 01 foi extraída do livro didático utilizada pela turma do 6º ano - Expedições Geográficas -2º Edição-2015, Editora Moderna dos autores Melhem Adas e Sérgio Adas. O subtítulo do capítulo “Os Sistema de Produção Agrícola”. Pag. 223.



FIGURA 01: Os sistemas de produção agrícola  
 Observar figuras 26 e 27 do livro.



Fonte: Expedições Geográficas -2ª Edição-2015.  
 Editora Moderna dos autores Melhem Adas e Sérgio Adas. Pág. 223

No livro as imagens representam a figura 26, “Lavrador preparando a terra com arado” e a figura 27, “Colheita mecanizada de soja em chapadão do Sul MS (2014)”. Observa o que os autores do livro escreveram acompanhando as imagens 26 e 27, da figura 01: Melhem Adas e Sérgio Adas dizem que:

Figura 26: “Quando numa unidade agrícola, a **terra** é o principal fator de produção, e não o capital, dizemos que se trata de um Sistema agrícola de produção extensivo ou agricultura extensiva. Esse tipo de produção se caracteriza pelo uso de técnicas tradicionais e apresenta, geralmente, baixa produtividade”. Figura 27: “Quando, porém, o principal fator de produção é o **capital**, dizemos que se trata de um Sistema agrícola de produção intensiva ou agricultura intensiva, caracterizam por intensa utilização de máquinas e implementos agrícolas, adubos, equipamentos para irrigação, sementes e mudas selecionadas etc. Além da elevada produtividade”. (2015,p.223)

Na figura 26 o homem com seu arado retrata a imagem de uma agricultura arcaica, técnica simples que desqualifica o fator terra como o principal meio de produção de alimento do camponês. Enquanto a figura 27 mostra a imponência da agricultura moderna na produção de soja (produto de exportado, geralmente usado para ração).

Em seguida, os autores do livro solicitam aos alunos que comparem as duas técnicas de produção. Qual seria a leitura que o aluno faria ao comparar as duas técnicas (o arado e a

Colheitadeira) para a produção de alimentos? O livro didático dá destaque para a agricultura capitalizada e suas tecnologias produtivas. Para Fernandes, (2008, p.48):

A imagem do agronegócio foi construída para renovar a imagem da agricultura capitalista, para “modernizá-la”. É uma tentativa de ocultar o caráter concentrador, predador, expropriatório e excludente para dar relevância somente ao caráter produtivista, destacando o aumento da produção, da riqueza e das tecnologias. Da escravidão a colheitadeira controlada por satélite, o processo de exploração e de dominação está presente, a concentração da propriedade da terra se intensifica e a destruição do campesinato aumenta. (FERNANDES, 2008).

Os estudantes agricultores não se veem representado nas imagens do livro, pelo contrário, o camponês segurando o seu arado ao lado da colheitadeira, deixa a impressão que o camponês representa o atraso, o antigo e que precisa sair de cena para dar espaço ao moderno.

Pode-se afirmar ainda que a imagem 26, oculta a importância do trabalho do camponês ao desconsiderar a “terra” como a principal fonte de sustento de milhares de família. Não acompanha a evolução da agricultura camponesa no Brasil, a importância da pequena propriedade ao utilizar o capital ecológico disponível na natureza para produções agroecológicas de alimentos, o camponês que detém de preocupação com meio ambiente, a renda adquirida ao comercializar a produção em mercados e feiras da cidade. Enfim, a imagem apresentada no livro reforça os interesses da classe dominante em querer provar a ineficiência do pequeno agricultor da agricultura camponesa, o que assemelha ao discurso pautado no currículo. Candau (2002)

É por meio do Currículo que certos grupos sociais, especialmente os dominantes, expressam sua visão de mundo, seu projeto social, sua “verdade”. O currículo representa, assim, um conjunto de práticas que propiciam a produção, a circulação e o consumo de significados no espaço social e que contribuem, intensamente, para a construção de identidades sociais e culturais. O currículo é, por consequência, um dispositivo de grande efeitos no processo de construção da identidade do (a) estudante. (CANDAU, 2002. pg. 28).

Melonio (2012, p.120) afirma que: “À medida que os interesses do capital se modificam as interferências no sistema educacional também ocorre”. De forma implícita e oculta a agricultura moderna encontra-se espaço no currículo escolar que reforça os interesses do agronegócio ao considerar o principal fator de produção, o “Capital. Os Camponeses



“descapitalizados”, nesse caso, devem-se retirar da terra, ou seja, os sistemas político, econômico e educacional, alinhados, estão a serviço da classe dominante.

Segundo Melonio (2012) argumenta, que a classe dominante usa todo o sistema educacional para controlar o conhecimento que circula na escola, a fim de que os interesses capitalistas se prevaleçam

Dessa forma, por meio das intervenções diretas do Estado no sistema educacional os interesses capitalistas são inseridos indiretamente. Por trás de uma aparente capa de racionalidade técnica-burocrática do Estado, através de ações das políticas públicas para a educação, com ênfase na definição de diretrizes curriculares, os interesses dos dominantes se propagam, difundindo ideologicamente as diferenças e divisões sociais, aprofundando o abismo social entre os mais ricos e o mais pobres. (MELONIO, 2012, p.121)

Os professores estaduais da rede pública de ensino de Rondônia são orientados a incluir no planejamento os conteúdos que retratam a especificidades locais e regionais, porém, ao entrevistar os professores, eles alegam que não há materiais regionalizados que abordam essas temáticas e não dispõem de tempo para realizarem as pesquisas. Relatam ainda que são 32 aulas em classe e 8 horas de planejamento que inclui: análise de provas/avaliações, elaboração de atividades didáticas, formação continuada e execução de projetos, dentre outras atividades docentes.

Diante desse quadro, os professores declaram que o livro é o principal recurso pedagógico para trabalhar Geografia, uma vez que os conteúdos e exercícios já se encontram prontos.

Outra questão apontada pelos professores se refere às atividades pedagógicas exercidas na escola e tem como principal foco alcançar boas notas no Sistema de Avaliação Educacional de Rondônia – SAERO e no exame Nacional de Ensino Médio- (ENEM). Desta forma, tem-se a evidência de que a busca por resultados quantitativos tornou-se a meta principal exigida pela Coordenadoria Regional da Educação, que prima por gestão de resultados.

Para Pontuschka (2013), a educação sempre teve uma dimensão política por tratar-se de uma relação de poder por meio da relação de saber. Não se podem considerar tais poderes naturais, é preciso desenvolver habilidades para identificar as relações que existem entre a escola, currículo e dominação, compondo uma estrutura de poder institucional que é exercido na escola e tem influenciado na formação dos estudantes.

## O papel da mídia e a formação crítica do estudante

A mídia representa uma grande ferramenta ideológica e mercadológica, na qual os alunos são facilmente captados pela imagem da modernidade e do agradável. Diversas notícias veiculadas pelos meios de comunicação se relacionam às temáticas da geografia e por isso, o professor necessita de atenção para não reproduzir o que os meios de comunicação já o fazem. (Carvalho,2014).

O agronegócio vem ganhando destaque cada vez mais no cenário midiático ao ser considerado o único modelo para a produção de alimentos no Brasil. A propaganda transmitida pela rede globo “Agro é Tech, Agro éPop, Agro é tudo”, faz apologia ao agronegócio de interesse ideologicamente da União Democrática Ruralista (UDR). Fernandes (2004), afirma que o “agronegócio por meio da mídia, associada às grandes empresas e ao Estado cria uma espécie de blindagem ao tentar passar uma imagem que representa a produtividade e a geração de riquezas para o país”.

Fernandes (2013) acredita que as propagandas da UDR propõem fortalecer a agricultura patronal e desvalorizar a agricultura familiar e criminalizar os movimentos sociais, culpando-os pela violência no campo e pelo atraso técnico que dificulta o avanço da agricultura tecnológica.

As notícias vinculadas na mídia devem ser discutidas criticamente em sala de aula, os estudantes têm o direito de conhecer o lado oculto das atividades do agronegócio que descaracteriza a agricultura familiar empreendida pela comunidade local. Como afirma Carvalho:

O educador, ao fazer uso de informações dos meios de comunicação pode relacioná-los com as transformações nos diversos espaços e territórios e, analisando as reportagens junto com os alunos de forma crítica e desvinculada das ideologias dominantes, poderão se apresentar como um excelente instrumento pedagógico [...] Desta maneira, o ensino pode propiciar ao aluno a compreensão de que as informações veiculadas pela mídia possuem determinados interesses que podem influenciar o leitor menos atento (CARVALHO, 2014 PG.

Pontuschka e Oliveira (2015) afirmam que hoje os jovens têm acesso a muitas informações fragmentárias por meio da mídia, as quais passam pelo crivo das grandes empresas de telecomunicação. Diante deste contexto é tarefa da escola trabalhar um currículo que possibilite uma reflexão entre as informações obtidas em diferentes fontes.

Para Pontuschka:

A geografia junto com as demais disciplinas do currículo terá o papel de proporcionar situações que permitam ao estudante pensar sobre o tempo e o espaço de vivência. [...] pode aumentar o patamar de consciência dos alunos mostrando como a comunicação de massa forma opiniões e pode direcionar os leitores ou telespectadores a construir representações mentais e sociais com interesses que nem sempre visam a melhoria das condições de vida da sociedade. (PONTUSCHKA, 1998, p.64/65).

Todas essas frentes podem ser uma maneira de afastar a escola do seu verdadeiro papel: a formação, a emancipação e a cidadania. Isso nos faz refletir o questionamento feito por Melonio (2012, p.123) “É possível que as escolas e o currículo sejam espaço também de luta e resistência?” O Currículo escolar pode permitir a superação da dominação a que estão submetidos os estudantes?

### **O Papel da Escola e do Professor de Geografia numa perspectiva crítica**

Libâneo (1984) salienta que a escola não pode ignorar que as desigualdades sociais tornam-se um empecilho ao desenvolvimento humano. É preciso preparar o aluno para o mundo com formação crítica, voltada à participação social e formação ética do trabalho na construção de conhecimento em prol das lutas vivenciadas no contexto social.

Parafrazeando Callai (2012), a escola deve permitir que os alunos obtenham elementos para construir sua identidade ao relacionar tudo àquilo que diz respeito a sua vida no cotidiano, reconhecendo-o sujeito de sua história. A autora salienta que ao obter conhecimento, o aluno busca maior interação sobre o espaço vivido, procura envolver-se com problemas locais e torna-se agente ativo ao conceber respostas para os desafios que interferem na vida cotidiana de sua comunidade e a partir de então, ele passa a defender o seu lugar. Nas palavras [...]“é no lugar que vivemos, pisamos é que podemos ter a real dimensão do universo e aqui que sentimos tudo o que nos afeta.”

Segundo Castrogiovanni (2007), a Geografia é uma disciplina que pode levar o aluno compreender o espaço produzido pela sociedade, às desigualdades, contradições e tensões e das relações de produções que nela se desenvolvem. O autor afirma que o aluno deva saber operar o espaço no sentido de compreender a vida social, refletindo sobre os diferentes sujeito, agentes responsáveis pelas transformações, reconhecendo as contradições e os conflitos sociais e observar constantemente a forma de apropriação e de organização estabelecido pelos grupos sociais e essa reflexão leva-os ao exercício de sua cidadania

O professor de Geografia deve buscar autonomia para abordar conteúdos de forma crítica, reconhecendo a sua influência na definição de um currículo justo e democrático, que abordam as questões agrárias vivenciadas pelos alunos, ao oportunizá-lo a compreender as mudanças ocorridas ao seu entorno. Segundo Apple citado por MELONIO:

A “ação educacional” realizada pelos professores é extremamente importante para a resistência. Os professores, ao compreenderem claramente os aspectos estruturais que norteiam seu trabalho, podem resistir às formas ideológicas de dominação. Professores alienados, sem compreender os aspectos ocultos que envolvem o seu trabalho, são peças úteis para que a escola e o currículo escolar possam realizar a tarefa de dominação. (2012, p.123)

Portanto, o ensino da geografia numa perspectiva crítica para abordar o tema agrário hoje em Rondônia, faz-se necessário para compreender as mudanças que vem ocorrendo nos campos de Estado demandado pela dinâmica do agronegócio. Para isso, o professor deve posicionar de maneira crítica na seleção de conteúdos curriculares que os tornem conectados a realidade social e regional, preparar o aluno para o mundo em que vive na defesa dos interesses que permeiam a vida em comunidade. “O professor pode lutar usando as armas do opressor contra a própria opressão desvelando os elementos ideológicos que envolvem o currículo”. Melonio (2012, p.123)

### **Conclusão**

O ensino de geografia por meio da prática docente deve visar potencializar ações pedagógicas que retratam as mudanças que ocorrem no campo e na cidade demandadas pelas forças da agricultura capitalizada. Desnaturalizar a ideia de que a desapropriação do agricultor familiar, o fechamento das escolas rurais justifica-se pela modernidade no campo.

Os resultados obtidos na pesquisa reforçam o conceito de que o currículo e o planejamento do professor estão alheios e desconectados a realidade do aluno. O professor utiliza o livro didático como à única ferramenta que disponibiliza os conteúdos para abordar as questões agrárias. O livro, por sua vez, desvaloriza a agricultura camponesa e considera a terra apenas como um fator de produção. Em nenhum momento se discute a terra na geração de trabalho e renda, preservação da cultura que se estabelece em comunidades rurais, na produção agroecológica e principalmente, de onde vem o alimento que chega as nossas mesas.

Constatamos por meio da pesquisa que as políticas externas para educação estão sendo determinantes na escola, retirando ainda mais a autonomia do professor, padronizando o currículo e formando estudantes desvinculados do seu contexto social.

Numa perspectiva crítica, para abordar a geografia agrária hoje no Estado de Rondônia dependerá da atuação do professor no exercício de sua docência em plena consciência de seu papel e de sua responsabilidade social. “[...] o trabalho do docente é inseparável da prática social” (LIBANEO, 2003, p. 77.) “O professor pode lutar usando as armas do opressor contra a própria opressão desvelando os elementos ideológicos que envolvem o currículo”. Melonio (2012, p.123)

### **Bibliografia**

ADAS MELHEN. ADAS SERGIO. Expedição Geográfica -2º Edição-2015, Editora Moderna.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária da Educação Básica- Diretrizes Curriculares Nacionais, 2013

CALLAI, Helena C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais fundamental. Cad. Cedes, campina, vol.25,n.66,p.227-247, maio/agosto 2005.

CALLAI, Helena C. A Formação do Profissional de Geografia - Ijuí: Ed. Inijuí, 2013

CANDAU, V. M. (Org.). Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARVALHO, Flavio Augusto de. Agronegócio, mídia e ensino de geografia-. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UEL Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2014.

FERNANDES, B. M. O historiador do Movimento por Mariana Amaral. Revista Caros Amigos Especial. São Paulo: Casa Amarela, n. 6, out. 2000, p. 22- 23.

\_\_\_\_\_. Questão Agrária, conflitualidade e desenvolvimento territorial. Presidente Prudente: 2004. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br>. (acesso em junho de 2007)

\_\_\_\_\_. Cadê o agronegócio? Cadê os alimentos? Correio da Cidadania. Disponível em: <http://www.correiocidadania.com.br>



- FERNANDES, B. M. Educação do Campo e Território Camponês no Brasil. In: SANTOS, C.A. (org.) Campo-Políticas Públicas - Educação. Brasília: INCRA/MDA,2008, p.39-66(Coleção Por Uma Educação no Campo)
- FERREIRA, Gustavo H.C. O Ensino de Geografia Agrária: Para Além da Sala de Aula . XIX de Geografia de Geografia Agrária-São Paulo, 2009, pp.1-2
- LIBÂNEO, J.C. Democratização da Escola Pública. A Pedagogia Crítico-Social dos conteúdos. São Paulo: Layola, 2003.
- MARIANO. S.A. SAPELLI. S.L.M. Fechar escola é crime social: causas, impacto e esforços coletivos contra o fechamento de escolas no campo. 6º Seminário nacional Estado e Políticas Sociais 2º Seminário de Direitos Humanos. 2014
- MELONIO, Daniel Campos. Educação, Poder e Currículo: Uma análise da relação escola, currículo e dominação a partir de Michael Apple. Revista Foco: Educação e Filosofia Volume 5, ano 5, Março 2012. ISSN 1983-3946
- PONTUSCHKA, Nidia N. “Políticas Públicas na Trajetória do Ensino e da Formação dos Professores: a Construção do conhecimento.”.
- PONTUSCHKA, N. N. e OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Geografia em Perspectiva. 4. Ed.2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2015
- RONDÔNIA (Estado) Referencial Curricular para o Estado de Rondônia- Ensino Fundamental e Médio, 2013.
- RONDÔNIA (Estado) Plano Estadual de Educação- PEE/RO, 2014.